

ENTRE A BRISA E A SOMBRA: ANTÔNIO FIGUEIREDO E A PROPAGAÇÃO DA ARQUITETURA RESIDENCIAL MODERNA NO INTERIOR DO ESTADO DE PERNAMBUCO.

BETWEEN THE BRISA AND THE SHADOW:

ANTÔNIO FIGUEIREDO AND THE PROPAGATION OF MODERN RESIDENTIAL ARCHITECTURE IN THE INTERIOR OF THE STATE OF PERNAMBUCO.

ENTRE LA BRISA Y LA SOMBRA:

ANTÔNIO FIGUEIREDO Y LA PROPAGACIÓN DE LA ARQUITECTURA RESIDENCIAL MODERNA EN EL INTERIOR DEL ESTADO DE PERNAMBUCO.

RÊGO, THERESA

Arquiteta e Urbanista, IPOG e theresacreggo@gmail.com

ADRIÃO, LILIANA

Arquiteta e Urbanista, UFPE e liliana.adriao@ufpe.br

RESUMO

A Escola Moderna Pernambucana é uma rica manifestação arquitetônica que se destaca pela conexão entre a concepção da arquitetura moderna e os elementos característicos locais. Essa caracterização singular confere às obras dos discípulos dessa escola critérios reconhecíveis, marcados pelo respeito às necessidades e condicionantes locais. É notável a capacidade desses arquitetos de expressar os traços identitários do Estado, levando em conta os aspectos históricos, socioeconômicos, culturais e climáticos que moldam o contexto local. Nesse sentido, é fundamental reconhecer a continuidade da arquitetura moderna perpetuada por arquitetos notáveis como Acácio Gil Borsoi e Delfim Amorim, cujos conceitos regionalistas foram embasados nos princípios de Lucio Costa e influenciaram sucessivas gerações. Essa influência pode ser identificada na cidade de Carpina, onde os projetos do arquiteto pernambucano Antônio Figueiredo, desenvolvidos na década de 1980, ecoam tais características marcantes, contribuindo para perpetuação e valorização da arquitetura moderna pernambucana.

PALAVRAS-CHAVE: arquitetura moderna pernambucana; discípulos da modernidade; Pernambuco.

ABSTRACT

The Escola Moderna Pernambucana is a rich architectural manifestation that stands out for the connection between the conception of modern architecture and the characteristic local elements. This unique characterization gives the works of disciples of this school recognizable criteria, marked by respect for local needs and constraints. The ability of these architects to express the identity traits of the State is remarkable, taking into account the historical, socioeconomic, cultural and climatic aspects that shape the local context. In this sense, it is essential to recognize the continuity of modern architecture perpetuated by notable architects such as Acácio Gil Borsoi and Delfim Amorim, whose regionalist concepts were based on the principles of Lucio Costa and influenced successive generations. This influence can be identified in the city of Carpina, where the projects of Pernambuco architect Antônio Figueiredo, developed in the 1980s, echo these striking characteristics, contributing to the perpetuation and appreciation of modern Pernambuco architecture..

KEYWORDS: Pernambuco modern architecture; disciples of modernity; Pernambuco.

RESUMEN

La Escola Moderna Pernambucana es una rica manifestación arquitectónica que se destaca por la conexión entre la concepción de la arquitectura moderna y los elementos locales característicos. Esta caracterización única da a las obras de los discípulos de esta escuela criterios reconocibles, marcados por el respeto a las necesidades y limitaciones locales. Es notable la capacidad de estos arquitectos para expresar los rasgos identitarios del Estado, tomando en cuenta los aspectos históricos, socioeconómicos, culturales y climáticos que configuran el contexto local. En este sentido, es fundamental reconocer la continuidad de la arquitectura moderna perpetuada por notables arquitectos como Acácio Gil Borsoi y Delfim Amorim, cuyos conceptos regionalistas se basaron en los principios de Lucio Costa e influyeron en las sucesivas generaciones. Esta influencia se puede identificar en la ciudad de Carpina, donde los proyectos del arquitecto pernambucano Antônio Figueiredo, desarrollados en la década de 1980, hacen eco de estas características llamativas, contribuyendo para la perpetuación y valorización de la arquitectura pernambucana moderna.

PALABRAS CLAVE: *arquitectura moderna pernambucana; discípulos de la modernidad; Pernambuco.*

INTRODUÇÃO

A arquitetura colonial brasileira iniciada através das casas coloniais construídas pelos colonizadores portugueses compreende suma importância à arquitetura pernambucana, deve-se diversos fatores esclarecidos e interpretados da identificação arquitetônica cultural no estado, ainda do conhecimento histórico, construtivo e socioeconômico. A relação entre a arquitetura colonial, definida como aquela que é realizada no território brasileiro a partir do ano de 1500, ano do descobrimento e colonização portuguesa com adaptações ao clima tropical, até a independência em 1822, e a arquitetura moderna, que surge no início do século XX, como oposição aos estilos arquitetônicos da época, privilegiando a função social das obras, empregando formas simples e diretas em que a “forma segue a função”, finda a então casa pernambucana.

Ao considerar estes dois momentos distintos e longínquos que apresentam raízes semelhantes intencionadas ao reconhecimento de uma identidade própria, em Pernambuco, estas propiciam a melhor funcionalidade da construção priorizando os hábitos, costumes, culturas, sociedade e economia do estado. Apesar de grandes autores como Yves Bruand e Geraldo Gomes, abordarem a narrativa entre a arquitetura moderna pernambucana baseada nos princípios de Lucio Costa, ainda respaldado pelo Neocolonial, seguidos inicialmente por Delfim Amorim, considerando predicções singulares e regionais, analisa-se a recorrente dificuldade em constatação da arquitetura pernambucana como forma de identidade.

Logo, busca-se compreender as relações e influências entre a arquitetura moderna e seus discípulos dentro do estado de Pernambuco, a fim de conscientizar socialmente e academicamente a arquitetura no âmbito cultural pernambucano através do reconhecimento e da identificação decorrente do modernismo. Deve-se entender todo o processo até a formação de uma arquitetura própria moderna pernambucana caracterizado através da importância e o reconhecimento de uma originalidade e identidade resultante das cargas e heranças culturais, sociais, econômicas e da vultosa miscigenação que torna o cotidiano e as relações brasileiras e neste caso, pernambucanas, permitindo seu surgimento a partir da colonização e seguindo ao modernismo vanguardista, característico como único e manifestante.

Em busca do reconhecimento da relação entre estas arquiteturas, a análise deve-se ao conceito em que a busca por uma arquitetura pernambucana identitária desenvolvida sob o modo de viver baseia-se na sociedade, economia, ambiente natural e cultura. A Escola Moderna Pernambucana é guiada por preocupações relacionadas com uma arquitetura em adequação ao clima local, as residências do referente partido buscavam a integração do edifício com a paisagem, utilizando materiais regionais e tradicionais – ainda, brutalistas – bem como caracterizadas por obras que buscavam estabelecer o bem-estar e conforto, proeminente no trabalho de Armando de Holanda (1976), por meio do uso de novas técnicas construtivas, copiosamente utilizadas as ideias de aplicar o conceito dos telhados em laje de concreto inclinados cobertos em telha canal e ainda, grandes painéis de azulejos encobrendo fachadas, desenvolvidos por Lucio Costa até então não cumpridos, comprovado em excelência para resfriar os ambientes (BRUAND, 1981).

Conforme o conceito de Armando de Holanda (1976) o partido arquitetônico se caracteriza ao representar singularidade na região Nordeste brasileira em termos de conforto, derivando novas técnicas construtivas e projetuais baseadas no moderno a solucionar problemas vitais climáticos da região, ajustando a ventilação e insolação como colaborador a casa pernambucana, até respaldado na construção e concepções características ao colonial; ao mesmo tempo que Geraldo Gomes (1994/95, p. 76) destaca a produção pernambucana como aquela que “assimilava a leveza plástica da arquitetura moderna brasileira contemporânea, adotando um partido de composição mais contido, na medida em que resgatava (...) a sobriedade das casas rurais do passado colonial luso-brasileiro”.

Este trabalho tem como objetivo analisar e identificar a possível reinterpretação da Arquitetura Moderna Pernambucana no interior do Estado de Pernambuco por meio do Arquiteto Antônio Figueiredo, bem como desenvolver analogia entre seus padrões e propriedades; a fim de destacar a necessidade do conhecimento cultural entre o conforto e tipologias arquitetônicas. De modo a discorrer e revisar bibliografias correspondentes aos recortes pertinentes ao objetivo deste trabalho, ainda a analisar as residências projetadas pelo arquiteto Antônio Figueiredo da década de 1980; explorar e verificar as características funcionais e estéticas da arquitetura moderna.

O MODO DE SER MODERNO “PELOS MESTRES”

Pernambuco, uma das maiores potências do Nordeste, destacou-se na década de 1930 como um estado rico e industrializado, resultado do desenvolvimento econômico iniciado no período colonial. Nesse contexto, Recife ganhou destaque ao valorizar sua arquitetura como um símbolo de modernização e cultura. Luiz Nunes, um arquiteto visionário, aplicou seus conhecimentos para promover novos métodos construtivos e materiais avançados, buscando funcionalidade, economia e bem-estar social. Infelizmente, sua morte interrompeu um possível movimento modernista mais amplo em Pernambuco, mas suas influências continuaram a beneficiar a arquitetura local.

A partir da década de 1940, a disseminação da arquitetura moderna no Brasil, liderada por nomes como Lucio Costa e Oscar Niemeyer, também alcançou Pernambuco. A “escola carioca” propagou suas ideologias e conceitos unificados, influenciando novos arquitetos formados na Escola Nacional de Belas-Artes. Outro importante nome nesse cenário foi o arquiteto italiano Mario Russo, que chegou a Recife em 1949 e se tornou um precursor do modernismo no estado, desenvolvendo projetos urbanísticos e arquitetônicos significativos, como o campus da Faculdade de Medicina e o Hospital das Clínicas (NASLAVSKY, 2012).

A arquitetura pernambucana passou por uma trajetória de crescimento e transformação, impulsionada por mentes visionárias como Luiz Nunes e Mário Russo, bem como pelas influências da arquitetura moderna brasileira. Esses profissionais contribuíram para moldar a identidade arquitetônica da região, deixando um legado duradouro que beneficiou a sociedade local e inspirou novas gerações de arquitetos.

Na década de 1950, a arquitetura moderna encontrou destaque na região Nordeste com a chegada de Acácio Gil Borsoi, recém-formado no Rio de Janeiro. Ao assumir a docência na Escola de Belas-Artes do Recife em 1951, Borsoi influenciou uma nova geração de arquitetos locais, incorporando características próprias da região em sua linguagem arquitetônica. Outro nome relevante para o desenvolvimento arquitetônico em Recife foi o arquiteto português Delfim Amorim, que chegou em 1951 e, ao se envolver com o contexto brasileiro, reavaliou suas abordagens teóricas. Influenciado pela arquitetura moderna brasileira, especialmente os ensinamentos de Lucio Costa, Amorim adotou princípios racionalistas e funcionais, priorizando a relação arquitetônica com a história, a sociedade e o conforto climático (AMORIM, 2001).

A partir dos anos 1950, as experiências locais em arquitetura ganharam relevância e contribuíram para a definição de uma identidade regional específica em Pernambuco. Essa vertente pernambucana se apresentou como uma derivação da “linha carioca” e formou arquitetos atuantes em várias regiões do Brasil. Uma característica marcante dessa influência foi a utilização de elementos históricos combinados com elementos modernos nas obras, resultando em uma arquitetura que busca singularidade e identidade própria. As construções adotaram a setorização funcional, separando as atividades em áreas íntimas, sociais e de serviço, o que proporcionava controle visual e funcional entre os ambientes. O uso rigoroso da setorização também permitiu o desenvolvimento de volumetrias irregulares, enfatizando a funcionalidade dos espaços e impondo limites à interação dos usuários com os ambientes.

Como forma de inserir o edifício ao meio, outra característica da arquitetura realizada em Pernambuco, são os terraços sombreados, possuindo uma área livre que permite o contato mais intenso com o exterior, assim como muitas vezes, os jardins formam um pátio contínuo ao terraço. A preocupação em integrar áreas livres ao espaço público, era solucionada por intermédio de muros baixos, grades e elementos vazados, como cobogós e brises. Algumas casas

separam-se da rua por uma espécie de muro, na verdade, grades em colunas esbeltas de cimento-amianto em concreto simples (SILVA, 1994/95).

A solução desenvolvida para cobertura é a composição em telha canal apoiada diretamente sobre laje de concreto, possibilitando a eliminação de impermeabilização, madeiramento e de forro, elementos considerados desnecessários para as produções. Os beirais possuem funcionalidade em proteger paredes contra a chuva, além de reduzir o desconforto da insolação. As possíveis falhas na execução da esquadria, as venezianas de madeira que controlavam a luminosidade sem impedir a ventilação, são minimizadas pelo avanço da cobertura, considerando suas dependências e conexões quanto ao melhor detalhe de esquadria ser um bom beiral (AMORIM apud SILVA, 1988).

A proposta associação da laje de concreto à telha canal por Delfim Amorim, visando corrigir os defeitos postos pela laje de concreto, representa uma adaptação tanto ao clima quanto à identidade local, devido a utilização de componentes da arquitetura luso-brasileira (AMORIM, L; 1989). O recurso eliminava o forro e o madeiramento da cobertura, dessa forma, surgiram espaços internos com cobertas inclinadas e os vazios implicados entre as telhas e a laje liberando ventilação, deste modo, funcionam como isolante térmico (SILVA, 1988), concedentes a ventilação cruzada (BRUAND, 1981).

A opção pela alvenaria estrutural explorava o potencial máximo desse material e sua adoção pode ser considerada por um elemento acessível e simples, que ainda se limitava a distribuição de aberturas. Vale salientar que neste momento, embora novos materiais e técnicas construtivas mais tecnológicas estivessem ao alcance no Brasil, sistematicamente, não havia mão de obra qualificada como um conhecimento técnico em Pernambuco. Contudo, os combinados desenhos apresentam uma forma livre, assimétrica equilibrada, correspondente à coerência dos programas e suas solicitações (AMORIM apud: GONDIM, 1991).

Os princípios de fachada livre e janela em fita de origem corbusiana, eram em partes suprimidos devido às exigências da utilização da alvenaria, a localização e a delimitação das aberturas são subordinadas à estrutura. Dos preceitos corbusianos, destaca-se a cobertura do terraço, por vezes, suportada por esbeltos pilares de aço. Algumas residências exploram a laje com maiores inclinações, permitindo o aproveitamento do surtido espaço. A cobertura em laje e telha canal eliminam o trabalho artesanal de execução do madeiramento e se adequa às limitações técnicas de impermeabilização (SILVA, 1994).

A telha canal, o revestimento de azulejos, pedras e tijolos aparentes, as esquadrias venezianas de madeira e os muxarabis, as bandeiras, os cobogós, brises, a varanda e as galerias de circulação interna são características da "escola pernambucana". Estes elementos ganham força mediante sua ampla utilização em obras de Acácio Gil Borsoi e Delfim Amorim. O emprego de materiais como concreto, vidro e aço na arquitetura pernambucana denota a motivação corbusiana dentre os modernistas pernambucanos, que unem-se aos materiais de uso histórico. A preocupação com a funcionalidade e a resistência proporcionada pelos materiais modernos em junção ao aos condicionantes locais ensejam a arquitetura moderna pernambucana.

Os conceitos modernistas foram adaptados à realidade local, atraídos a edificações construtivamente mais econômicas e adequadas à identidade e tecnologia locais. Os avanços tecnológicos da época não possuem papel fundamental quanto às residências produzidas neste momento, visto que a tecnologia local e a exploração de técnicas convencionais são limitadas. Pouco aproveitou-se o processo de industrialização quanto à construção. A maior parte dos projetos eram executados de forma isolada e por muitas vezes, focados na elite, não exigindo a grande exploração da tecnologia, respeitando os materiais e serviços locais.

A escolha da utilização dos métodos e materiais acessíveis à região pernambucana transmite facilidade em construir; esta simplicidade construtiva poderia ser atestada pela adoção por outros arquitetos assim como por não profissionais (SILVA, 1988). A opção por um material é constantemente resultante da sua disponibilidade e economia, além da perspectiva exercida pela utilização de materiais locais em respeito ao clima e condições locais, cumprindo premissas de uma boa arquitetura. A arquitetura moderna pernambucana discipulada pela linha carioca caracteriza-se como uma produção cultural, inspirada no regionalismo, em sua maioria, conseqüente a uma adequação climática. Do mesmo modo, o regionalismo revela-se numa perspectiva ideológica, baseada pelo sentimento de pertencimento.

Ao produzir evidente efeito plástico e funcional, a escola de Recife frutifica uma arquitetura a considerar homogênea e original proporcionada a sua dimensão e conduta. Quatro elementos são fundamentalmente empregados em suprimento da tradição luso-brasileira: telhados de telha canal com largos beirais; venezianas e muxarabis; varandas e galerias de circulação externa e os revestimentos em azulejos (BRUAND, 1981). Estas são notáveis peculiaridades que formam a imagem desta arquitetura e especialmente seus modelos da habitação.

As obras de Acácio Gil Borsoi e Delfim Amorim são marcadas pelo uso de materiais tradicionais, combinados aos conceitos corbusianos, criando uma arquitetura própria e rica em identidade para Pernambuco. Borsoi enfatiza a escolha cuidadosa dos materiais, como tijolos aparentes, madeira e pedras rústicas, enquanto Amorim valoriza elementos como esquadrias de madeira e revestimentos em azulejo. Suas obras destacam-se por um programa consistente de setorização funcional em três blocos distintos para atividades sociais, íntimas e de serviço. Ambos os arquitetos incorporam a arquitetura moderna à paisagem tropical, adaptando-a às limitações e características locais.

As concepções e atuações de Borsoi e Amorim, juntamente com Mário Russo, deixaram um legado significativo para o regionalismo, resgatando tradições e buscando uma identidade local na arquitetura moderna de Pernambuco após a Segunda Guerra Mundial. Suas produções influenciaram a definição de uma arquitetura ideal e propícia para a região Nordeste, especialmente em Pernambuco, conforme destacado por Armando de Holanda.

Algumas destas recomendações foram identificadas nas atuações de seus antecessores, outras podem-se considerar originais, embora suas teorias não sejam estreatas em sua totalidade, sugere importantes soluções arquitetônicas destinadas a garantir melhor funcionalidade as construções em termos térmico e luminoso adequados aos seus usuários no Nordeste. Holanda defende os sistemas de climatização por meio da exploração do potencial térmico dos materiais locais, do sombreamento da flora nativa e da ventilação natural para contenção da temperatura. Ainda, há uma atenção especial com o futuro e a importância da arquitetura para a sociedade, visando a aproximação de conceitos básicos, como a dedicação ao conforto e adequações climáticas.

Embora a preocupação com o conforto térmico seja a mais intensa manifestação de Armando de Holanda, sua teoria pretende favorecer a construção de uma identidade própria para a arquitetura nordestina, e essencialmente pernambucana, fundamentada em orientações estéticas, dedicada a uma linguagem arquitetônica particular, de caráter regional. Referências aos elementos como cobogó, treliças de madeiras e pergolados verticais ou horizontais, configuram-se nas esferas de vazados e são umas das marcas substanciais da conceituação da arquitetura moderna pernambucana.

Os vazados apresentam-se como soluções para o clima e caráter histórico cultural, a preconizar e controlar a ventilação e insolação, além da existente a necessidade em “apreender a fluência entre a paisagem e a habitação, entre o exterior e o interior (...) que sejam um convite aos contatos entre o mundo coletivo e individual” concebendo ainda a garantia “necessária privacidade e de admitir ar e luz” ao proteger “os ambientes e permitam a tiragem do ar”. (HOLANDA, 1976, p. 27-29).

A escolha dos materiais deve-se aos preceitos da racionalização consciente e da disponibilidade dos materiais na região, facilitadores ao modo de construir. Baseado nestas características, a utilização destes materiais locais viabiliza para melhor conforto referente ao clima, bem como a harmonia entre o usuário e o meio em que está inserido, por vezes, a promover sentimentos de proteção, acolhimento e pertencimento. Estes sentimentos são sugeridos por Holanda através do emprego de materiais “refrescantes” disponíveis em sua localidade.

O “construir frondoso” configura-se mediante a junção das recomendações propostas por Holanda, transforma-se na propriedade de construção ideal. Grande parte das recomendações atribui-se à edificação e integração ao meio externo, respectiva à orientação solar e ventilação. Destacam-se o esforço sobre o sombreamento, a ventilação e a implantação no entorno, o processo de concepção projetual estabelece-se através da procura da arquitetura moderna ao atender às exigências bioclimáticas pernambucanas.

A atuação e o pensamento dos professores Mário Russo, Acácio Gil Borsoi, Delfim Amorim e Armando de Holanda são de extrema relevância nesse processo, uma vez que estes deram continuidade ao trabalho pioneiro iniciado nos anos 1930 pelo arquiteto carioca Luiz Nunes e sua equipe em Pernambuco. Esses profissionais foram fundamentais para o desenvolvimento e propagação da arquitetura moderna na região.

Nesse contexto, destaca-se a divulgação da produção arquitetônica moderna realizada pelos primeiros discípulos desses arquitetos professores, que foram formados no curso de arquitetura da antiga Escola de Belas Artes de Pernambuco, posteriormente transformada na Faculdade de Arquitetura. Entre esses discípulos, Antônio Figueiredo se sobressai, demonstrando o impacto e a influência desses renomados profissionais na formação de uma nova geração de arquitetos comprometidos com o modernismo e a busca por uma identidade arquitetônica única na região da Mata Norte pernambucana.

UM MODO DE SER MODERNO “PELO DISCÍPULO” ANTÔNIO FIGUEIREDO

Perante a perspectiva de uma linha ou escola pernambucana, percebe-se na cidade de Carpina manifestações arquitetônicas do que pode ser um segmento conceitual da arquitetura dos mestres Amorim e Borsoi, bem como vínculos a estrutura das casas de engenho coerente ao colonial. Expostas as considerações de uma perpetuação arquitetônica pernambucana, vale salientar que a cidade de Carpina atualmente é considerada a capital da Mata Norte, isto deve-se a seu vasto potencial comercial e sua localização próxima a Recife. A cidade exprime uma ampla economia açucareira de modo que maior parte de seus habitantes desfrutam de relações diretas ou indiretas com a cana-de-açúcar, a permitir o crescimento comercial.

Atenta-se a presença de obras do arquiteto Antônio Figueiredo para diversos fornecedores de cana-de-açúcar em Carpina dentre o período de 1980 aos dias atuais. Antônio Figueiredo graduou-se em arquitetura pela Universidade Federal de Pernambuco em 1976, foi aluno dos grandes mestres Heitor Maia Neto – sócio de Amorim e precursor da arquitetura moderna pernambucana – e Marcos Domingues – também expoente da arquitetura moderna. Antônio desfrutou dos ensinamentos modernos pernambucanos relacionados à racionalização em meio aos trópicos, reconhecendo a teoria de Armando de Holanda sobre construir no clima tropical. Ainda usufruiu da oportunidade de conhecer Wandenkolk Tinoco e seu mestre Acácio Gil Borsoi ao considerar-se discípulo de suas concepções, assim como de Delfim Amorim e outros arquitetos pernambucanos.

O arquiteto trata em seus projetos soluções bioclimáticas, ecológicas e históricas a fim de proporcionar melhores condições habitacionais aos usuários, respeitando suas necessidades. A setorização, o aproveitamento do espaço e a inclusão de áreas de convivência são elementos evidentes em suas construções. A utilização de materiais naturais, formas simples e redução de custos energéticos configuram seus projetos e permite associações mediante os ensinamentos modernos de uniformização pernambucana em respeito ao meio e suas particularidades.

Da totalidade de projetos em Carpina, Antônio possui cerca de trinta obras, destas, duas tomaram-se para análise, a Residência ER e a Residência EGR. As duas obras foram produzidas para clientes de uma mesma família de comerciantes e fornecedores de cana-de-açúcar. O clima da cidade assemelha-se ao de Recife, localizada na região da Mata Norte apresenta intensa insolação e umidade. As referidas residências envolvem-se em precaução climática e construtiva baseada nos preceitos modernos de racionalização, corbusianos e adaptações ao meio pernambucano de aspecto regionalista.

O primeiro parecer consiste na Residência E.R. (Figura 01) datada por 1980, com programa bem resolvido, setorizado através das zonas e diferenças de níveis. Seus acessos específicos para cada ambiente permitem a dinâmica familiar salvo a intimidade e o serviço proporcionado a casa, suas áreas de convivência são bem definidas de modo que prioriza o funcionamento da casa em sua totalidade, o projeto aplica as necessidades da casa e seus usuários, a dispor da casa como instrumento social ao mesmo tempo que atende as necessidades individuais, sejam no setor íntimo, social e de serviço, trata-se de uma espécie de individualização no coletivo.

Figura 1: Residência E.R.



Fonte: Rêgo, 2022.

Para acessar a casa obtém-se degraus que influenciam as comunicações de seus setores em acordo a cada função. Para a setorização observa-se o emprego de variados níveis. No pavimento térreo desenvolvem-se os espaços de serviço julgado por sua acessibilidade a permitir privacidade aos demais cômodos da casa. O setor íntimo distingue-se através do setor social que comunica-se com uma extensa varanda diante a criação de uma espécie de pátio. O setor social possui acesso exclusivo ao que em sua lateral aplica-se o escritório a conter acesso privativo, sem quaisquer relações com a casa, a não ser por opção do proprietário.

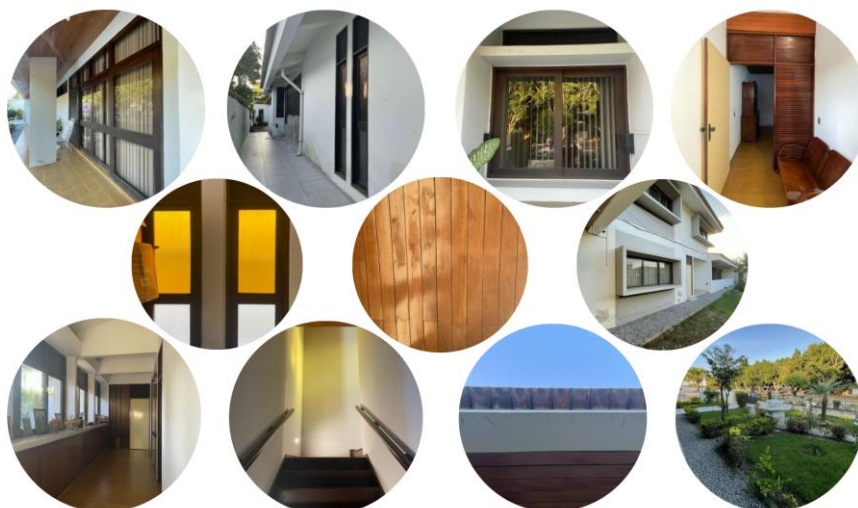
O pavimento superior corresponde ao setor íntimo com quartos e sala de televisão intimista. Além dos quartos presentes no pavimento superior, tem-se quartos na parte de trás da casa, separados das salas por meio de uma porta que leva ao corredor exclusivo aos seus usuários. Esta divisão controla a passagem de pessoas mediante estes espaços, tendo em vista que tanto a porta de acesso ao corredor dos quartos térreos e a escada para acesso do pavimento superior localizam-se em frente às salas de jantar e estar.

Os ambientes permitem proximidade com o meio, transmitindo aos usuários o sentimento de pertencimento e inserção ao ambiente. Suas zonas são tratadas para que haja melhor consumo de iluminação e ventilação natural, adaptando os setores e seus materiais ao clima local. Para os setores íntimo e social destinam-se espaços mais arejados de modo que seus zoneamentos são para áreas amenas do terreno, ao que difere do setor de serviço, posto em áreas de menor benefício climático, primeiro por não conservar grande fluxo de pessoas e segundo, pela herança segregativa para com os funcionários.

Nesta residência foram utilizadas grandes esquadrias de madeira com venezianas e bandeiras, peitoril ventilado, lambris, escada e corrimãos, todos estes, utilizados em sua maioria em forma natural. O brise soleil aplicado para a proteção da chuva e incidência do sol para janelas, revelam inspirações corbusianas e modernas brasileiras. A massa corrida é a forma utilizada para regularizar e revestir as paredes, à exceção da cozinha e dos banheiros em razão de suas áreas molhadas e úmidas. Todos os ambientes dispõem de vasta iluminação e ventilação natural, bem como acesso a varandas que encaminham-se aos ambientes de convivência envolventes por sua fusão ao meio com aplicação de plantas tropicais assim como a aproximação da casa à praça. Telhado em laje com telhas cerâmicas, em quatro águas com largos beirais sustentado por grandes colunas – desta vez em concreto – são facilmente visualizados na varanda.

Na Residência E.R. observam-se concordâncias com as obras de Borsoi e Amorim ao que busca aproximação com o passado colonial, orientador da atual sociedade pernambucana. Das divergências a estes modelos, atribui-se de elementos tecnológicos, ao que compete a evolução e inovação dos materiais posteriores ao momento de Amorim e Borsoi. A Residência E.R. trata-se de uma reinterpretação das casas de Borsoi e Amorim, principalmente do primeiro, adaptadas aos conhecimentos e características do seu arquiteto. Ainda, ao proceder de um momento posterior às atuações de Borsoi, seus elementos são decorrentes ao seu período de construção. Contudo, percebe-se uma constante preocupação com o meio, o clima e raízes históricas, assim como o cuidado na escolha dos materiais, buscando a aplicação dos mais naturais possíveis.

Figura 2: Título: Detalhes Residência E.R.



Fonte: Adrião; Rêgo, 2023.

A Residência EGR (Figura 03) é a segunda casa a ser analisada, datada pelo ano de 1987 e segue os mesmos padrões e princípios da Residência E.R., baseada nos conceitos da arquitetura moderna pernambucana. A obra caracteriza-se pelas largas portas com bandeiras, grandes varandas que permitem visibilidade para rua e para a área de convivência da casa, utilização de elementos naturais como pedras e madeira, emprego de telhas e elementos cerâmicos, e ainda, concreto.

Figura 3: Residência E.G.R.



Fonte: Rêgo, 2022.

O telhado em telha cerâmica apoiado em laje assim como na Residência E.R., coincide a solução aplicada por Delfim Amorim e utilizada nos projetos regionalistas, ainda, assemelha-se a estrutura dos telhados das casas de engenho do período colonial. Outra semelhança deve-se às escadas de acesso a residência (Figura 03), inserida em patamar mais alto em relação a rua como ocorre em residências modernas. Quanto aos pilares que sustentam os telhados e as varandas, as variações devem-se à constante modernização dos materiais e avanços construtivos.

Quanto à setorização, são bem definidos e separados os setores em relação às suas funções. Deste modo, o setor de serviço encontra-se o mais afastado possível, com o intuito de separar-se e não interferir em outros setores, de forma que permaneça escondido e sem relação com o social e o íntimo, este setor também localiza-se na parte inferior da casa, ou seja, um nível semi enterrado é criado intento a essa divisão. Neste setor funcionam as tarefas de lavar e passar, ainda, serve de depósito, alojamento para empregados e garagem. Atenta-se à utilização de cobogós ao longo deste setor.

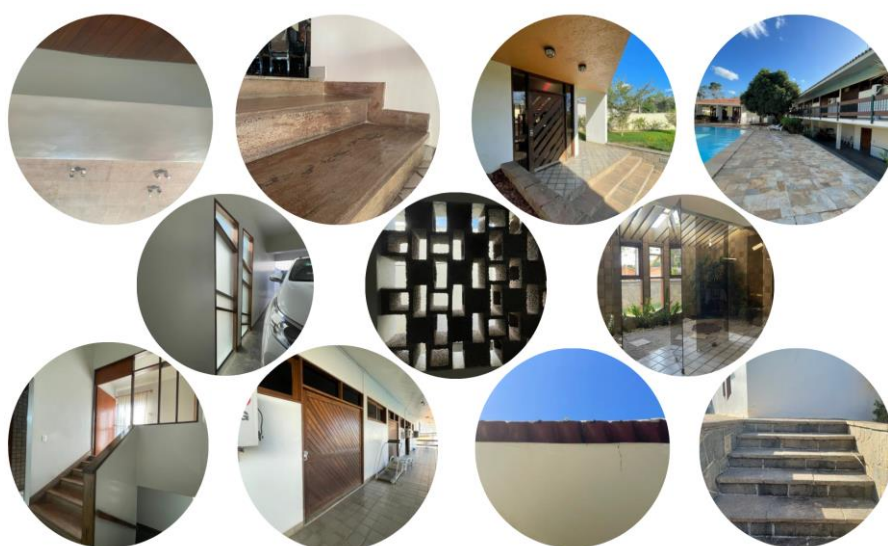
Acima, no térreo, localiza-se o setor social, este consiste em varanda, terraço, área de convivência – também com uma espécie de pátio e dessa vez com piscina, sala de estar, jantar e televisão, bar e cozinha de fácil acesso. Ademais observa-se a presença de jardim interno com destaque ao pergolado e plantas tropicais, este ambiente permite a circulação de ventos e entrada de iluminação natural. O escritório da casa dispõe-se no pavimento térreo, no setor social e assim como na Residência ER, o proprietário possui o controle em sua circulação, seu acesso é exclusivamente particular.

No pavimento superior atinge-se os quartos, caracterizados pelo setor íntimo, além de distinguir-se pela escada, divide-se do social por uma porta de acesso ao seu corredor. O corredor possui vasta iluminação natural através de grandes janelas em sua extensão. Semelhantes às soluções em engenhos, assim como de Borsoi e Amorim, os quartos

possuem acesso privativo a uma varanda comum que concede visibilidade ao espaço da piscina – neste caso – e parte da casa.

A maior parte dos revestimentos devem-se à madeira, como no caso das escadas, esquadrias, corrimãos e parte do forro, no caso do lambris. Além deste último, parte do forro consta-se em gesso e outra em concreto puro. Os revestimentos aplicados na parede são de massa corrida, estas uma moderna variação ao que nos engenheiros utilizavam de paredes caiadas. Nos banheiros e cozinha são utilizados revestimentos cerâmicos. Empregam-se em sua maioria elementos em madeira, pedra e material cerâmico, contudo revela-se a utilização do concreto ao longo da casa, como no pergolado. Há uma variação quanto a composição dos elementos e materiais, que ressaltam a analogia entre o colonial e o moderno. O uso de cobogós registra o interesse em questões climáticas adaptadas ao meio, aplicados comumente nas demais residências modernas.

Figura 04: Título: Detalhes Residência E.G.R.



Fonte: Adrião; Rêgo, 2023.

O arquiteto Antônio Figueiredo mediante suas obras expressa simpatia em meio às tendências disparadas por Borsoi e Amorim, ao adotar elementos da arquitetura tradicional semelhantes às casas dos engenheiros e de seus métodos, firme a uma busca de caráter rural amparado pela utilização de elementos naturais acessíveis e eficazes ao local. Tais residências modernas apresentam aspectos tradicionais.

O uso de lajes e telhados inclinados em concreto armado cobertos por telhas cerâmicas, esquadrias com bandeiras ventiladas e venezianas de madeira, largos terraços e varandas, peitoris em madeira, aplicação de elementos tradicionais como pedras, cal, cerâmica e madeira em natura consolidam as experiências que identificam o passado colonial ao período moderno pernambucano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atribuições estabelecidas à concepção moderna em Recife e suas noções de adaptabilidades exprimem efetivas ideias através da teoria de Armando de Holanda, admitindo respeitável legado aos pernambucanos já conscientes das práticas de Borsoi e Amorim. Holanda baseia-se nos referidos arquitetos modernos de Recife por uso dos conceitos de conforto ambiental e suas experiências práticas, bem como seus materiais e técnicas. Todas as informações proporcionadas pelos arquitetos desta fase em Pernambuco, enriquecem as seguidas gerações e tornam-se perceptíveis através dos elementos e plasticidade aplicados nos projetos.

Assentado aos efeitos decorrentes das então produções modernas de Recife, afere-se em Carpina a produção de Antônio Figueiredo, discípulo dos princípios modernos. Suas residências assemelham-se às produções de Borsoi e de Amorim. É sabido que as influências exercidas pelo passado da sociedade pernambucana, transfere cargas, hábitos, costumes e princípios que tornam-se parte constituinte do povo. Deste modo, as residências estudadas em Carpina comparada com as residências de Borsoi e Amorim possuem o mesmo propósito a visar uma relação com o passado moderno.

As utilizações do espaço nestas residências carpinenses condizem com os impactos coloniais definidos pelo moderno pelas divisões funcionais e seus determinados setores, ou seja, a forma estruturadora se mantém, separando por muitas vezes os usuários por meio de suas funções, esta característica é perceptível nas casas analisadas.

Portanto, a arquitetura moderna pernambucana desfruta de traços característicos da arquitetura que conflui um poder adaptável como ajustamentos construtivos ao clima tropical, o que entendemos por uma arquitetura que busca trazer o vento que é a **brisa** para seus lares às atribuições funcionais, bem como as separações das atividades das residências. A utilização de elementos semelhantes mediante as exigências construtivas, como forma de impedir a incidência solar direta regada aos princípios de Armando de Holanda do construir frondoso, que nos leva à **sombra** dos grandes beirais, salvo ao emprego do vidro e concreto, por vezes utilizados pelos efeitos dos avanços tecnológicos. A relação da arquitetura com o meio perpassa de Amorim e Borsoi, como nota-se na atuação do arquiteto Antônio Figueiredo, transmitindo à arquitetura moderna uma continuidade evidente na plasticidade e nas inserções da casa. Dessa forma, o arquiteto apresenta-se como precursor da Escola moderna pernambucana.

Isto posto, constata-se que os preceitos modernos foram adequados a uma assimilação entre características arquitetônicas interessados na execução de edificações construtivamente de maior eficiência energética, maior economia e conformação a identidade, técnica, mão de obra e tecnologia locais. Os elementos com maior utilização são pedra, madeira – em diversas aplicações, como grandes esquadrias, forros, assoalhos, bandeiras e venezianas, telhados em telha cerâmica e elementos vazados, no moderno denominado cobogó. Das atribuições do espaço, observam-se nestas obras a clara setorização e as criações de área de convivência, como pátio e jardim, ainda, apresentam acessos propostos pelas áreas de circulação a evitar relações entre os setores e seus usuários.

Na arquitetura de Antônio Figueiredo, é notável a maneira como mescla com maestria os ensinamentos da Escola Pernambucana e sua expertise. Sua abordagem de projetar residências na Mata Norte do Estado revela uma compreensão profunda de como aproveitar os ensinamentos da escola e aplicá-los de forma inovadora. Através de suas obras, torna-se evidente habilidade em buscar a melhor orientação para capturar a brisa e criar ambientes ventilados e confortáveis. Além disso, tem o cuidado de construir edifícios frondosos, proporcionando sombras generosas que convidam os usuários a entrar e desfrutar dos espaços. O resultado é uma arquitetura "entre", no sentido de estar no meio de algo, mas também de convidar os indivíduos a sentirem-se acolhidos e envolvidos no ambiente projetado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AFONSO, Alcilia. *Notas sobre métodos para a pesquisa arquitetônica patrimonial*. **Revista Projetar - Projeto e Percepção do Ambiente**, v. 4, n. 3, pp. 54-70, dez. 2019.

AMORIM, Delfim. **Arquitetura e construção**. Página de Arquitetura nº 70. Folha da manhã, Recife, 27 Jan, 1957.

AMORIM, Luiz. **Arquitetura-Pernambuco** In: Pernambuco 5 décadas de Arte. Coord. André Rosemberg. Recife: Quadro Publicidade e Design Ltda., 2003. 224p. pp.59-125.

_____. Delfim Amorim. **Construtor de uma linguagem –síntese**. AU Documento, São Paulo; nº 24. jun.jul./89; p.:97.

_____. **Escola do Recife: três paradigmas do objeto arquitetônico e seus paradoxos**. São Paulo: Vitruvius, 2001. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq012/bases/03tex.asp>> Acesso em: 06 Outubro de 2022.

_____. *Modernismo recifense: uma escola de arquitetura, três paradigmas e alguns paradoxos*. Em **rede** <http://www.vitruvius.com.br/arquitextos/arq012/bases/03text.asp>. Acesso em 18 de fevereiro de 2004.

BENEVOLO, Leonardo. **História da Arquitetura Moderna**. 1ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

BRUAND, Yves. **Arquitetura contemporânea no Brasil**. 1ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1981.

- CARLUCCI, Marcelo. **As casas de Lucio Costa**. 2005. Dissertação (Mestrado em Tecnologia do Ambiente Construído) - Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, p. 236. 2005.
- FILHO, Nestor Goulart Reis. **Quadro da arquitetura no Brasil**. 13ª ed. São Paulo: Editora Perspectivas, 2019.
- GONDIM, Djanira Oiticica, et al. **Delfim Amorim Arquiteto**. 2ª ed. Recife: Institutos de Arquitetos do Brasil/Departamento de Pernambuco, out. 1991.
- GOODWIN, P. L. **Brazil Builds. Architecture. New and Old**. 1652-1942. New York, 1943.
- HOLANDA, Armando de. **Roteiro para Construir no Nordeste**. 3ª ed. Brasília: CEPE, Família Armando de Holanda Cavalcanti, 2018.
- MINDLIN, Henrique. E. **Arquitetura Moderna no Brasil**. 2ª edição; tradução Paulo Pedreira; Rio de Janeiro: Aeroplano Editora /IPHAN, 2000.286 p.
- NASLAVSKY, Guilah. **Arquitetura Moderna no Recife 1949-1972**. Recife: Prefeitura do Recife, 2012.
- _____. **Arquitetura Moderna em Pernambuco entre 1945-1970: Uma produção com Identidade Regional?** In: 5º seminário DOCOMOMO Brasil, 2003, São Carlos. 5º Seminário Docomomo Brasil, 2003.
- PIÑON, Helio. **El sentido de la arquitectura moderna**. Barcelona: Ediciones UPC.1997.
- ROWE, Colin. **Manierismo y Arquitectura Moderna y otros ensayos**. Barcelona: Gustavo Gili. 1ª. edición.1978.
- SEWAGA, Hugo. **Arquitetura no Brasil: 1900-1990**. 3ª ed. São Paulo: EDUSP, 2014.
- SILVA, Geraldo Gomes da. **Delfim Amorim Arquiteto**. Recife: Instituto dos Arquitetos do Brasil/Departamento Pernambuco (IAB-PE), 1981.
- SILVA, Geraldo Gomes da. **Engenho e arquitetura**. 1ª ed. Recife: Fundação Gilberto Freyre, 1998.
- TELLES, Augusto; SILVA, Geraldo Gomes da; ROCHA-PEIXOTO, Gustavo; et al. **Arquitetura na Formação do Brasil**. 6ª ed. Brasília: UNESCO, 2008.
- VERÍSSIMO, Francisco Salvador; BITTAR, William Seba Mallmann. **500 anos da casa do Brasil: Transformações da arquitetura e utilização do espaço de moradia**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.